

SOBRE A AUTODIDAXÍA E A AUTÁRKEIA DE EPICURO

*Miguel Spinelli**

RESUMO: A questão que neste estudo se impõe consiste em saber o que realmente poderia ter significado, nas palavras de Epicuro, o dizer-se *autodidata* (*sem mestre*), termo que em vários filósofos (como em Pitágoras, Heráclito, Demócrito, e, sobretudo, em Sócrates) se aplicou com um sentido semelhante. Veremos, relativo a Epicuro, como a *autodidaxía* denuncia várias coisas: a) o território filosófico dentro do qual se fez e concebeu a sua doutrina; b) a demanda por *originalidade* em seu filosofar; c) que o conhecer-se a si mesmo é efetivamente sem mestre, assim como também é *sem mestre* o fazer bem feito no agir moral; d) que o conhecimento de si requer a *autárkeia*; e) que Epicuro, sob esse aspecto, de modo algum pode ser desvinculado de Sócrates.

PALAVRAS-CHAVE: Epicuro, *autodidaxía*, *autárkeia*, conhece-te a ti mesmo, agir moral.

ON THE AUTODIDAXÍA AND THE AUTÁRKEIA OF EPICURUS

ABSTRACT: The problem to be discussed in this paper is what it could have meant, in Epicurus' words, to call oneself "autodidact" (without master), a term which in various philosophers (as in Phytagoras, Heraclitus, Democritus and, in particular, in Socrates) is applied in a similar sense. As will be shown, with regard to Epicurus, autodidaxía has various meanings: a) the philosophical area within which the proper doctrine is made and conceived; b) the requirement of originality in one's own thinking; c) that knowledge of oneself is without a master, as is also well-doing in moral acting; d) that self-knowledge requires autárkeia; e) that Epicurus, in this respect, cannot be separated from Socrates.

KEYWORDS: Epicurus, autodidaxía, autárkeia, self-knowledge, moral action.

1 - Existem vários testemunhos a respeito da *autodidaxia* de Epicuro: a) de Cícero (do I século a. C., e cujo testemunho consta como retirado dos próprios escritos de Epicuro): "Epicuro (...), algo que observamos em seus escritos, se vangloriava de não ter tido mestre"¹; b) de

* Professor de História da Filosofia Antiga da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. migspinelli@yahoo.com.br

¹ "Epicurus (...) ut videmus in scriptis, se magistrum habuisse nullum" (CÍCERO. *De natura deorum*, I, XXVI, 72). **Fonte:** CÍCERO. a) *De natura deorum. Academica*. With an english translation by H. Rackham. (Loeb Classical Library). Cambridge: Harvard University Press, 2000; b) *De la nature des dieux*.

Apolodoro (do II século d.C, registrado nas *Crônicas*, importante fonte de Diógenes Laércio): Epicuro "assegurou, em uma Carta a Euríloco, não ter tido outro mestre senão ele mesmo"²; c) de Sexto Empírico (do III século d.C, e cujo testemunho é o mais sugestivo): "Epicuro foi efetivamente aluno de Nausifanes, mas se empenhou em combatê-lo de vários modos, isso porque queria se passar por um autodidata, por um filósofo que se fez por si mesmo"³.

Todas as três informações têm entre elas um elemento comum: Epicuro afirmava não ter tido *outro mestre senão ele mesmo*. Ora, aqui sobressai de início a seguinte questão: do fato de Epicuro ter afirmado que não teve *mestre*, disso não se segue a rigor (a tirar pelo conceito de mestre no mundo antigo) que ele não tivesse acompanhado as preleções ou ouvido os ensinamentos de alguém. Trata-se, pois, de duas coisas bem distintas: uma, ouvir os ensinamentos de alguém; outra, seguir ou adotar tais ensinamentos como sendo seus – e aí está o sentido de *mestre*: aquele cujo ensinamento é acolhido em confiança. Outro dado importante decorre de Sexto Empírico: "Epicuro se empenhou em combater Nausifanes de vários modos"... Ora, como poderia Epicuro ter se empenhado em combater Nausifanes sem tê-lo ouvido, ou sem nada saber a respeito de sua doutrina? Portanto, a questão da *autodidaxia* de Epicuro esconde outros significados. Ela é bem mais complexa do que aparenta ser, e a afirmação de Epicuro de que não teve outro mestre senão a si mesmo não pode ser tomada ao pé da letra.

Por princípio, a atribuição da *autodidaxia* de Epicuro tem dois amplos significados: um, malévolos, derivado de seus inimigos ou opositores que tendiam a ver nele um *iletrado* e *ignorante*; outro, benévolo, derivado dos amigos e discípulos que o consideravam um grande *mestre*. A partir dos testemunhos é possível inferir uma disputa entre as várias linhagens filosóficas no sentido de fazer de Epicuro um dos seus. Quando, por exemplo, alguém afirma que ele foi aluno de Nausifanes (visto que Nausifanes era tido como um cético), os céticos queriam fazer de Epicuro um adepto do ceticismo; quando dizem que ele foi aluno de Praxifanes de Mitilene, visto que esse filósofo pertencia à linhagem dos peripatéticos, também é de se supor que quisessem fazer dele um descendente dessa linhagem; o mesmo vale quando dizem que ele foi aluno de Pânfilo de Samos (do qual, aliás, fazem questão de assinalar, que Pânfilo *ouviu diretamente o ensino de*

Traduction nouvelle avec notice et notes par Charles Appuhn. Paris: Garnier, 1933 (disponíveis na UFRGS); c) *Da Natureza dos Deuses (De Natura Deorum)*. Introdução, tradução e notas de Pedro Braga Falcão. Lisboa: Nova Vega. 2004.

² Diógenes Laércio. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. X, 13 – DK 75 A VIII - **Fonte DK:** DIELS, Herman & KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 18ª ed., (Unveränderter Nachdruck der 6. Auflage 1951), Zürich-Hildesheim, Weidmann, 1989).

³ SEXTO EMPÍRICO. *Contra os matemáticos*. I, 2 – DK 75 A VII; "Epicuro, em seu tratado *Sobre a Natureza* (...) polemiza constantemente com os outros, principalmente com Nausifanes..." (Diógenes Laércio. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. IX, 16 – DK 75 A IX). Reunidos em USENER, Herman. *Epicurea*. Roma: (Studia Philologica 3) L'Erma di Bretschneider, 1963, pp. 227-241.

Platão)... Ora, o curioso é que, pelo que consta, Epicuro sistematicamente negava tudo isso; daí a questão: se negava, era porque, por um lado, não se reconhecia como integrante, ou como "produto", e tampouco como defensor de uma certa linhagem; por outro, isto do ponto de vista desta ou daquela linhagem, por exemplo, para o cético, dado que ele negava ser um cético, então era um *ignorante*, e assim para o platônico, para o aristotélico, etc.

Sobre a alcunha de *iletrado*, ela tem mais de um significado: primeiro, decorrente do fato de Epicuro não sobrevalorizar o *saber da ciência* em detrimento do *saber viver*. O apropriar-se de máximas e de instruções práticas para o bem viver, ele o sobrepõe aos princípios e instruções da ciência; segundo, decorrente do estigma próprio da época, pelo qual *ser educado* ou *ser filósofo* requeria necessariamente ter um mestre, ou seja, colocar-se sob as "asas" da autoridade filosófica de alguém. Era comum na tradição filosófica, ou do saber, identificar este ou aquele filósofo em decorrência de sua ascendência ou linhagem filosófica. Um filósofo sempre era referido (ou ele mesmo se referia, como se se apresentasse) à luz de um mestre, em dependência do qual afirmava o seu *status*, autoridade e descendência filosófica. Esse era um hábito corriqueiro entre os chamados filósofos pré-socráticos, e se estendeu inclusive a Sócrates e a Platão.

Já a partir de Aristóteles se dá um novo estágio. É claro que a tradição continuará apresentado-o como discípulo de Platão, mas esse dado (visto ter sido ele um crítico insistente, e, inclusive, por ter se desvinculado da autoridade e da doutrina do mestre) muitas vezes fora apenas referido como aluno da Academia. Depois de Aristóteles, esse dado, o ter sido aluno de uma grande instituição de ensino, passou a ter tanta importância (no contexto da educação ou da *paideia* filosófica grega) quanto o ter sido discípulo de um renomado e ilustre filósofo. Na seqüência da Academia veio o Liceu, depois a Escola de Alexandria, e assim, sucessivamente, de modo que os filósofos passaram a ser reconhecidos, para além da referência a um mestre, por sua ligação a uma escola...

Daí a questão do *iletrado* relativo a Epicuro. Ele era tido como *iletrado*, por, primeiro, ter sido um colono, ou seja, por localizar-se bem distante do habitual, do filósofo descendente da aristocracia e da elite filosófica; segundo, por justamente não ter sido aluno nem de um grande mestre (que o associasse a um importante *escol* ou linhagem filosófica) e nem de uma grande instituição escolar sobressalente da época: quer da Academia (apesar de alguns discípulos insistirem que, na *lexiarchón*, fora aluno de Xenócrates – o que é improvável), quer do Liceu. "Nada (na doutrina de Epicuro, observou Cícero) deixa identificar ou a Academia ou o Liceu, ou sequer as pueris disciplinas"⁴. Tais *disciplinas*, cabe destacar, corresponderiam ao que os gregos chamavam de *egkýklios paideía* (de disciplinas do período básico, ou do primeiro ciclo da cultura

⁴ "Nihil enim olet ex Academia, nihil ne ex Lyceo, nihil ne e puerilibus quidem disciplinis" (CÍCERO. *De natura deorum*. I, XXVI, 72).

ou conhecimentos gerais) requeridos aos adolescentes em sua primeira fase (antes da *lexiarchikón*) preparatória para a cidadania: a gramática, a retórica, a aritmética e a música.

2 - Está visto que Epicuro teve tudo para "agradar" as elites filosóficas da época. Primeiro, vivia na colônia, distante dos grandes centros do saber. O seu pai, Neócles, conseguiu um pedaço de chão, mas era muito pouco para retirar dele o sustento da família, de modo que acabou também se dedicando à difamada e insignificante atividade de professor. Se, com efeito, se dedicou é por que tinha alguma condição para isso. Num ambiente onde ninguém sabe nada ou bem pouco, quem sabe alguma coisa sabe muito! Bem provavelmente, Epicuro também recebeu, antes de um renomado mestre, a sua educação fundamental (a *egkýklios paideía*) de seu pai, ou seja, de um modesto professor da colônia e não dos afamados gramáticos, retores, aritméticos e músicos atenienses! Ademais, o menino Epicuro recolheu os princípios de sua cultura religiosa sobre os passos de uma benzedeira (de sua mãe)! Quando adolescente, foi posto como aluno de mestres "menores". Na época só se filosofava bem em Atenas. O seu primeiro mestre da filosofia foi o desconhecido Nausifanes, com o qual Epicuro mais se desentendeu que concordou. Pelo que consta ele o combateu por toda a vida, a ponto de fazer de Nausifanes seu mestre em sentido negativo.

Na relação com Nausifanes, o fato mais interessante e curioso, e já mencionado, está na insistência de Nausifanes e na recusa de Epicuro relativa ao *apokaleîn didáskalon*... A tradução desse passo é bastante controversa, uma vez que, no contexto da referência de Diógenes Laércio, pode expressar um lamento de Epicuro quer no sentido de Nausifanes tê-lo chamado de *professor* quer no sentido de ter enunciado publicamente que Epicuro era seu *discípulo*. Cabe também conjecturar que com o termo *didáskalos* Epicuro apenas quisesse dizer que Nausifanes se portou frente a ele (Epicuro, na ocasião, tinha apenas 14 anos) como um *mestre-escola*, na medida em que se dispôs a ensinar-lhe sobretudo as matemáticas e a retórica. Epicuro queria apenas aprender filosofia, e, filosofia, para ele, significava apenas *aprender a viver bem*, com prazer em tudo o que se faz e moderação nos costumes.

André Laks traduziu aquele passo (o *apokaleîn didáskalon*) por "*m'a appelé 'professeur' – me chamou de professor*"; Jean-Paul Dumont por "*m'a traité de maître d'école – me tratou de mestre-escola*"⁵. Mário da Gama Kury, em sua tradução brasileira da obra de Diógenes Laércio, verteu assim: "Nausifanes (...) se proclamou o meu mestre"⁶. Mário Kury seguiu Graziano

⁵ Respectivamente: LAKS, André. "Vie d'Épicure". In: BOLLACK, Jean & LAKS, André. *Cahiers de Philologie. Etudes sur l'épicurisme antique*. I., Lille: Press Universitaire, 1976, p. 56; DUMONT, J.-P.. "Nausiphane". In: DUMONT, J.-P., DELATTRE, Daniel & POIRIER, Jean-Louis. *Les Présocratiques*. Quetigny-Dijon: Gallimard, 1988, p. 971 – DK 75 A 9).

⁶ Diógenes Laércio. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. X, 8.

Arrighetti: "*proclamarsi mio maestro*". Ettore Bignone explica assim, ressaltado uma suposta ironia de Nausifanes sobre a *autodidaxia* de Epicuro: "compreende-se como Nausifanes, que pretendia ter sido mestre de Epicuro, o chamasse ironicamente de *mestre*, visto que Epicuro se proclamava um autodidata"⁷.

Ora, o que diz Bignone na primeira parte está bem ("Nausifanes *pretendia* ter sido mestre de Epicuro"); já na segunda, se mostra problemática. Vejamos: que Nausifanes *pretendesse* ter de Epicuro o reconhecimento de *mestre*, isso é bem plausível: seria um feito que lhe daria reconhecimento filosófico. Entretanto, dizer, como diz Bignone, que Nausifanes chamava Epicuro de *meu mestre* por pura ironia, isso é improvável. Ora, Nausifanes assim o chamava porque de fato fora mestre de Epicuro, e, Epicuro, por princípio, não negava esse fato, ou seja, de ter "ouvido as suas lições" (tal como consta em sua *Carta aos amigos de Mitilene*, segundo informação de Sexto Empírico⁸). O próprio Cícero confirma que Epicuro não nega, por que não tinha como negar, a mestria de Nausifanes (*In Nausifanes... quem cum a se non neget auditum*⁹). Epicuro admitia ter sido seu aluno, acompanhado e ouvido as suas preleções, porém, negava a adoção da *mestria*, ou seja, que tivesse feito seus os princípios de Nausifanes (dele que, por um lado, era um filósofo da linhagem cética, dentro da qual Epicuro de modo algum se inseria; por outro, discípulo de Demócrito, mas defensor da idéia de uma ciência universal fundada nas matemáticas e na retórica, com fins políticos, mais precisamente como modo de *convencer* o povo a admitir as verdades da ciência, com o que Epicuro não concordava). O povo, o *demos*, do ponto de vista de Epicuro, era para ser filosoficamente educado e não meramente convencido.

⁷ "... si comprende como Nausifane, que pretendeva d'essergli stato maestro, chiamasse ironicamente Maestro Epicuro che si dichiarava autodidata" (BIGNONE, E.. *L' Aristote perduto e la formazione filosofica di Epicuro*. A cura di Mario Dal Pra, presentazione di Vittorio Enzo Alfieri. Firenze: La Nuova Italia (2ª ed. accresciuta), 1973, p.199, n.1).

⁸ *mathêên... akóúsanta* (Sexto Epírico. *Contra os matemáticos*, I, 2 – DK 75 A 7; Usener, *Epicurea*, fr. 114, p. 114). "A l'âge de quatorze ans (327), Épicure fut envoyé à Téos, qui n'est quère éloigné (sur la côte d'Asie, au nord de Samos), pour y entendre les leçons de Naisiphane. Celui-ci, disciple de Démocrite et peut-être jaloux de la science universelle de son maître, enseignait tout à la fois la philosophie, les mathématiques et la rhétorique. Il tenait une école réputée où affluait la jeunesse dorée de la côte et des îles, tout un petit monde élégant, dont Épicure ne semble pas avoir gardé bon souvenir. Épicure deumeura là tois ans (327-324), jusqu'à l'âge de diz-sept ans, et c'est de Nausiphane qu'il apprit à connaître la doctrine démocritéenne des atomes et celle du plaisir fin dernière" (FESTUGIÈRE, André-Jean. *Épicure et ses dieux*. Paris: PUF, 1996, pp. 25-26). Festugière retira a expressão "jeunesse dorée – *juventude dourada*" do termo *meirakíôn* a partir de Sexto Empírico (*Contra os matemáticos*, I, 2 – DK 75 A 7); *meirakiskeúonta*, Usener, *Epicurea*, fr. 414).

⁹ "In Nausiphane Democriteo tenetur; quem cum a se non neget auditum, vexat tamen omnibus contumeliis" (CÍCERO. *De natura deorum*, I, XXVI, 73).

Epicuro, além da mestria de Nausifanes, contestou também a do platônico Pânfilo de Samos, que, certamente, foi o primeiro filósofo do qual ouviu as lições. Ele, entretanto, contesta Pânfilo, não por causa de Platão, que, apesar de contradizê-lo em vários pontos, o admirava profundamente, e, sim, porque pretendia sobretudo desqualificar qualquer rigorosa identidade sua com o platonismo. Os platônicos, no entanto, no confronto de Epicuro o criticavam, primeiro, por colocar em *crise* a doutrina de Platão (questionar a sua doutrina era o mesmo que por sob suspeita a sua autoridade); segundo, porque Platão resguardou sobre Demócrito um profundo silêncio: sobre ele não se manifestou nem a favor e nem contra. Ora, Demócrito foi efetivamente o grande mestre (indireto) de Epicuro, e isso ele reconhecia sem maiores dificuldades, sem, todavia, nunca deixar de criticar Demócrito. Daí a questão: Epicuro teve como mestre (isto do ponto de vista dos platônicos) justamente alguém a respeito do qual Platão jamais proferiu sequer uma palavra... Já do ponto de vista dos aristotélicos, Aristóteles (ou seja, o sábio mentor da linhagem aristotélica) foi o maior crítico de Demócrito na antiguidade... Sobrava, portanto, para Epicuro uma única alternativa: ser ou então no mínimo se apresentar como um autodidata.

Além de Pânfilo, de Nausifanes e de Demócrito, Epicuro também vem sempre associado aos *cirenáicos*, aos seguidores de Aristipo de Cirene, o que, para ele, veio a se constituir em mais um real problema. Aristipo assentou na idéia do prazer o sumo bem, enquanto movente, de tudo o que dizia respeito à vida e ao bem viver. A questão dele, poderia ser posta nos seguintes termos, e que não difere muito da de Epicuro: O que leva os indivíduos, por exemplo, a se alimentar? O prazer (não há necessidade de se inferir, basta apenas constatar que é o prazer da alimentação que move o desejo da sobrevivência). O mesmo se dá relativo ao ato da procriação, pelo qual se preserva a espécie, etc. Há, porém, uma grande dificuldade: o mesmo prazer ou gozo que promove a necessidade põe à disposição o excesso. Daí a questão *ética* que aqui se insere relativa ao bem viver. Nesse contexto, quando se fala de gozo ou de prazer, alevantam-se sempre grandes dificuldades. A maior de todas está justamente no fato de que, nesses dois setores, no da alimentação e da sexualidade, o que mais se encontra entre os humanos é carência ou excesso. Quem vive da falta, quer ter, e se indispõe com os que têm; e, quem tem, está sempre às voltas com o excesso.

Aristipo, pois, tomou para si como tema preferencial de reflexão e debate um assunto extremamente problemático, e propício a mal-entendidos. Epicuro que o diga: na medida em que adotou esse mesmo tema, além de buscar filosoficamente explicá-lo teve que continuamente explicar-se... No caso específico de Aristipo, a reflexão era indiferente a qualquer valor moral, não propriamente em sentido negativo (por ser ele um indivíduo depravado, ou imoral, ou coisa parecida), mas por que não se interessava, ou melhor, não pretendia elaborar uma filosofia moralizante. O seu intuito era apenas *ético*, no sentido rigoroso do termo grego ou mesmo do termo latino *mores*, que diz respeito ao comportamento ou modo de proceder perante a vida ou o viver. Nesse sentido Aristipo apenas propunha e cultivava uma postura socrática relativa à arte do

bem viver, independentemente de qualquer moralismo. Por se descurar da questão da *virtude*, Aristipo acabou mal-entendido e muito criticado. Epicuro adotara o mesmo tema, e, aproximadamente, nos mesmos termos. E, para piorar, Aristipo era um discípulo de Protágoras, e ensinava por dinheiro (ou melhor, requeria um estipêndio do aluno, pois vivia disso, tipo assim como um professor que espera e vive do seu salário de fim de mês). Por proceder assim (Aristipo não tinha um Alexandre que o sustentava), fora acusado, e justamente por Aristóteles, de sofista: "alguns sofistas, como Aristipo, desprezavam as matemáticas"¹⁰. Enfim, Aristipo, que também era um discípulo de Sócrates (por alguns desafetos denominado de *sofista*) veio a se tornar ele próprio um verdadeiro *sofista*, algo que, para Epicuro, antes de ajudar, complicou ainda mais. Enfim, e observando a genealogia filosófica de Epicuro, ele teve mesmo tudo para agradar, e tinha mesmo que se proclamar um autodidata.

3 - A expressão de Sexto Empírico segundo a qual Epicuro combateu os seus antecessores, a fim de "se passar por autodidata" e ser reconhecido como "um filósofo que se fez por si mesmo"¹¹, tem tudo a ver com o território filosófico dentro do qual se fez, e também com a demanda por *originalidade* em seu filosofar. A sua suposta *autodidaxia* comporta e denuncia alguns aspectos bem próprios da filosofia grega: em primeiro lugar, ela põe à mostra a necessidade do filósofo grego delimitar-se a partir de uma tradição já dada, e de se situar no confronto dos demais filósofos; segundo, em dependência de o filósofo sempre ser reconhecido como discípulo de alguém, a ele se impunha a necessidade de afirmar a sua independência perante o mestre, de assinalar frente a ele as diferenças, enfim, de demarcar o seu próprio território; um terceiro aspecto decorre da principal máxima orientadora do filosofar grego, daquela sobre qual se assenta, em sentido próprio, a originalidade do filosofar, qual seja, o conhecer a si mesmo, tarefa relativa à qual não há mestre.

A crítica de Cícero, e também de Hegel¹², no sentido de que Epicuro não foi *completamente* original deixa supor que ele foi *um pouco* original. Cícero, de modo especial, pretendeu fazer de Epicuro apenas um *repetidor* quer de Demócrito quer dos cirenáicos, mas, a bem da verdade, ele foi um continuador. Ele se empenhou em reformar uma obra já começada, e

¹⁰ ARISTÓTELES. *Metafísica*, III, 2, 996 a 32

¹¹ *autodíaktos kai autophyês philósophos*

¹² Respectivamente: a) CÍCERO. *De finibus bonorum et malorum*, III, V, 13 - **Fontes:** CICERO, Marcus Tullius. *De finibus bonorum et malorum*. a) *De termes extrêmes des biens et des maux*. 2 vols., Texte établi et traduit para Jules Martha. Cinquième tirage revu, corrigé et augmenté par Carlos Lévy. Paris: Les Belles Lettres, (t.I) 1990, (t.II) 1989; b) With an english translation by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1999; c) *Do sumo bem e do sumo mal*. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martins Fontes, 2005; b) HEGEL, G.W.F.. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofia*. II. Edición preparada por Elsa Cecilia Frost. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 376.

não só percorrer, mas, sobretudo, reconstituir um novo e outro roteiro a partir de caminhos já dados. Ocorre que ser filósofo entre os gregos requeria uma mestria diferencial, ou seja, carecia de que o novo mestre não se resignasse e renunciasse a si mesmo perante o *mestre*. Só era considerado filósofo quem fosse capaz desse feito, qual seja, de evidenciar o vigor de sua inteligência e assinalar a novidade de seu próprio feito, a sua sabedoria. Para que alguém viesse a ser considerado filósofo não bastava apenas ocupar-se com a Filosofia, mas, para além dos mestres já consagrados, que fosse também um outro mestre e não apenas um mero discípulo repetidor de doutrina. O fato de ter sido discípulo de um grande mestre isso facilitava o seu *status* e fortificava a sua autoridade, porém, por si só, não lhe garantia ou facultava a condição de mestre. O ser mestre era ser outro (ter um *visage* próprio), qualidade sine qua non enquanto requisito característico de mestria sapiencial e filosófica.

No caso de Epicuro, visto que ele não fora discípulo direto de um afamado e reconhecido mestre, que não freqüentara as mais salientes instituições acadêmicas da época, a sua situação era um pouco mais difícil que a dos demais e requeria um outro e dedicado empenho. Não lhe faltando inteligência e gênio, a sua afirmação de *audodidaxía* se impunha como uma resposta, ao mesmo tempo em que se caracterizava como um empenho, inerente ao qual (em termos semelhantes a Hecateu) supôs a sua própria *autárkeia* – termo que em si mesmo comportava dois amplos significados: o de autonomia e o de amor de si. Por *autárkeia*, em Epicuro, é conveniente entender (enquanto princípio de sabedoria) o *aprender a bastar-se a si mesmo*; mas não em sentido egoísta, visto que esse *bastar-se* (*autarkés*) diz respeito à condição do próprio sábio em sua *autodidaxía*: ao processo mediante o qual ele edifica o seu saber. A *autárkeia* (supôs Jean Brun) "não convém entendê-la nem como um egoísmo fácil, nem como uma autonomia no sentido como é tomada essa palavra na filosofia kantiana. A *autárkeia* é a capacidade de se bastar a si mesmo, a disposição de não esperar dos deuses e nem de outros homens o que a inteligência do sábio é capaz de prover por si mesma"¹³.

Enquanto princípio, a *autárkeia* não foi inventada por Epicuro, e, sim, por Hecateu, reconhecido em seu tempo como um crítico literário <*kritikòs grammatikós*> e discípulo de Pirron¹⁴. Hecateu supôs a *autárkeia* como sendo a finalidade específica do filosofar: "Para

¹³ L'autárkeia "il ne faut entendre ne comme un égoïsme facile, ni comme une autonomie au sens que prendre ce mot dans la philosophie kantienne. L'*autárkeia*, c'est la capacité de se suffire à soi-même, la capacité de n'attendre ni des dieux, ni des autres hommes, ce que la raison du sage met à la portée de celui-ci" (BRUN, Jean. *L'épicurisme*. Paris: PUF, 1983, p. 109).

¹⁴ "Hecateu de Abdera, filósofo, também reconhecido como crítico literário... Eis as suas obras: *Sobre a poesia de Homero e de Hesíodo*" (Suidas. *Léxico* "Hecateu" – DK 73 A I); "Pirron, além de outros, teve Hecateu de Abdera como Aluno..." (Diógenes Laércio. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, IX, 69 – DK 73 A III).

Hecateu [o fim da filosofia] é a *autárquia*¹⁵, termo que em Epicuro soou como um "bastar-se a si mesmo" em sentido altruísta. A partir de Hecateu, Epicuro concebeu a *autárquia* como "a maior das riquezas": como um grande bem (*tên autárquian dè agatón*)¹⁶. Acolhido por Epicuro, o princípio da *autárquia* se renovou e exerceu uma extraordinária influência quer em sua atitude ou postura filosófica quer na formulação teórica de sua doutrina. Por deter vários significados – o de liberdade, de independência e de autonomia, a *autárquia* foi tida por ele como "o maior tesouro que um sábio pode conseguir"¹⁷.

Do ponto de vista ético (sempre em sentido altruísta), a *autárquia* designa um estado de ânimo mediante o qual o indivíduo se vê responsabilizado por si mesmo, como alguém que (com liberdade e independência) deve gerir o seu destino ou a sua própria vida. Bastar-se a si mesmo corresponde, antes de tudo, a aprender a *ser a si mesmo*, no sentido de não vir a ser um peso para os demais. Daí por que, efetivamente, a *autárquia* de Epicuro de modo algum expressa qualquer forma de egocentrismo, seja *egoísta* ou *individualista*. Epicuro expressamente não diz, mas todos sabemos que o egoísmo é irmão gêmeo do individualismo. Sabemos que o egoísta é um indivíduo jeitoso, sempre muito elegante no trato com as pessoas, a fim de delas habilmente se servir em benefício próprio: fazer com que os outros "alegremente" carreguem para si seus fardos. Maneiroso, o egoísta é um indivíduo que vê, no outro, o *visage* de seu próprio umbigo, a ponto de tomar por "egoísta" o seu colega, amigo, esposa ou parceiro que, por se dedicar em reger a própria vida, não ocupa prioritariamente em gerenciar a vida dele, a cultuá-lo, tutelá-lo, a fazer tudo o que ele gostaria que se fizesse por ele. O maior dos egoístas, enfim, é aquele que entrega ao seu Deus o encargo de salvar a sua alma, de acalmar ou de acalentar as suas dores e os seus sofrimentos, sem que ele, além de apenas louvar e orar ao seu senhor, nada faz no sentido de tomar uma atitude, e, em dependência dela, gerenciar as suas conseqüências. Daí, enfim, que *egoísta* é o cultor do estabelecido, do hábito ou do *status quo* dentro do qual reluta em sair, e aparenta aos outros uma vida feliz, dotada de paz e de serenidade.

É justamente em oposição a esse *aparentar* felicidade e paz (forjar *hêdonê* e *ataraxía*), em particular contra a tutela e a subserviência, quer na recorrência a um Deus ou aos deuses (entidades do culto e da devoção), quer na relação com os outros homens (com o próximo, com os da família ou com o governo da *Pólis*, do Estado), que Epicuro supõe a *autárquia* como forma

¹⁵ "*Hekataios dè autárquian* [nämlich *télos hypárchein*]" (Clemente de Alexandria. *Strômateis* (*Miscelâneas*), II, 130 – DK 73 A IV).

¹⁶ "Bastar-se a si mesmo é a maior das riquezas" (Clemente de Alexandria. *Miscelânea* <*Strômateis*>, VI, 143; Usener, fr. 174); Diógenes Laércio. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. IX, 130.

¹⁷ "Tão grande é o tesouro que ele (o sábio) na *autárquia* descobriu – *têlikouton autarcheías eure thêsauron*" (EPICURO. *Sentenças vaticanas*, 44 – **Fonte:** EPICURE. *Lettres et Maximes*. Texte établie par Marcel CONCHE. Paris: PUF, 1987).

de auto-gerenciamento ou cuidado de si. "É loucura (dizia) exigir dos deuses o que podemos procurar por nós próprios"¹⁸. O mesmo vale em referência ao governo da *Pólis*. Epicuro, nesse sentido, relativo à vida cívica, subverteu as pretensões do *situs* grego em sua *essência*, ou seja, naquilo que expressa ou *diz ser o que é* (o *quid est*) da *Pólis*, ou, ainda, em seu *êthos*, naquilo como ou em que a *Pólis*, desde a sua ancestralidade, *deveria ser*: uma ordem comum a todos regulada pela lei.

De um ponto de vista subjetivo, relevante ao indivíduo e às suas relações intersubjetivas, Epicuro fez anteceder a *philia*, ou seja, o amor a si ao amor pelo outro. Referente ao coletivo, ele supôs que se deveria anteceder a *autárkeia* (a auto-suficiência, independência e regência de si mesmo) ao *comum a todos*, à *koinê nóêsis*, ao *pensamento comum* que rege e legitima a ordem da *Pólis*. Epicuro fez algo extraordinário para o seu tempo: inverteu, perante à *Pólis*, a primazia do direito: antes das leis, que regulavam os interesses e as necessidades da vida cívica, ele deu primazia ao direito natural, dentro do qual a natureza humana particular se aninha. Ele supôs que as necessidades e pretensões do *particulares*, ou melhor, do individual (enquanto natureza) carecia de se antepor às pretensões da totalidade.

O princípio epicurista básico da *autárkeia* supõe que a Natureza – em particular a *natureza* íntima do humano – muniu a todos do necessário quer para o viver prazeroso quer para a fuga dos sofrimentos ou dos males da vida. A Natureza nos dotou da capacidade de cuidar de nós mesmos como se fossemos verdadeiros deuses gerenciadores de nossa própria vida. Sob esse aspecto, e do ponto de vista da práxis filosófica, Epicuro de modo algum pode ser desvinculado de Sócrates, a partir do qual o termo filósofo adquiriu uma nova concepção. Sócrates, enquanto mestre, tinha plena ciência sobretudo de duas coisas: uma, de que a educação filosófica deveria corresponder à educação do exercício do pensar, de modo que ser filósofo jamais poderia se restringir ao apropriar-se (apenas) de princípios alheios, visto que deveria ter como ponto de partida a investigação de si mesmo; outra, que a investigação de si mesmo (necessária, e, obviamente, feita por si mesmo) não haveria de ter mestre.

O postulado filosófico de Sócrates requeria ou dispunha que, para se conhecer a si mesmo, o sábio necessitava de *si mesmo*, como de sua própria vida. O método maiêutico (método da introspecção subjetiva) foi o bom exemplo dessa requisição¹⁹. Na prática Sócrates demonstrou, e, logo ele, para o qual a filosofia era uma *práxis*, que o filosofar teria de ser essencialmente interior, bem mais que exterior, ou seja, voltado para a empiria, para investigação das coisas, quer das que nos rodeiam quer das coisas do alto, da Meteorologia. O filosofar teria, do mesmo modo, de ser espontâneo, bem mais que técnico, ou seja, subjugado às regras da lógica e da analítica. O

¹⁸ EPICURO. *Sentenças vaticanas*, 65

¹⁹ Dedicamos nas *Questões fundamentais da filosofia grega* (São Paulo: Loyola, 2006) um capítulo ("A *archê* da filosofia e o *érôs* do filosofar") específico sobre essa questão, p. 45ss.

que sobretudo estava em questão era o humano (subjetivamente considerado) e não apenas a sua expressão ou a expressão dos humanos externa e objetivamente investigada. Daí que a primordial característica de seu filosofar teria de ser o voltar-se da investigação racional-filosófica sobre si mesmo, a fim de se prover a consciência (humana) de si e não a consciência do outro manifesta em estruturas de linguagem. Daí também que o seu *daimónion* (termo que comportava uns quantos significados²⁰) veio a ser a manifestação do singular, do que é interno e subjetivo, do (digamos) intrometer-se na interioridade de si, ou então, e nesse mesmo sentido, da reviravolta do fora para o dentro de si mesmo.

Cabe aqui logo dizer que a Filosofia, entre os gregos, sempre foi definida como uma *atividade* (uma *enérgeia*), no sentido de um vigor ou força, ou de uma eficácia ou virtude. Fazer filosofia correspondia a promover em si mesmo uma transformação, mas não em sentido necessariamente valorativo, para melhor ou para pior; *mudar* correspondia a ser o que se é, ou seja, a ser a si mesmo, para o que se fazia necessário se autoconhecer em sua própria natureza e/ou em sua própria realidade. Só há realização humana na medida em que o homem se dispõe, não propriamente *aperfeiçoar*, e, sim, conhecer e realizar as perfeições que a natureza lhe concedeu. O conhecer a si mesmo, portanto, vem a ser uma empreitada solitária, sem maiores resguardo na tradição, com (digamos) suporte, mas não tomando emprestado a investigação alheia. Dá-se que o conhecer-se a si mesmo, do ponto de vista do indivíduo humano perante os outros, em sentido ancestral, é sempre um recomeço. Pode até partir do outro, mas não dá para empreender para si o autoconhecimento alheio. O conhecer-se a si mesmo se impõe e se irrompe em si e a partir de si, não vem de fora, e é bem por isso que requer autonomia e independência, numa palavra: a autárquia. Daí o que disse Epicuro: "O maior fruto da autárquia é a liberdade"²¹; e a sua maior exigência, enquanto empreendimento e método, é a autodidaxia. "Porém (como observou Balaudé), consagrar-se à autodidaxia não significa se isolar, se enclausurar: o aprendizado de si por si mesmo é o ensinamento da natureza em sentido objetivo e subjetivo – ensinamento por aquilo que há de natural em si, sem a meditação da cultura..."²².

4 - Em conclusão: por princípio não há como investigar a si mesmo partindo do outro, e, tampouco, de uma natureza alienada ou de um outro domínio. Só se investiga a si mesmo em si

²⁰ SPINELLI, M.. "O Daimónion de Sócrates". In: *Revista Hypnos*. PUC/São Paulo. 16 (2006): 32-61. Cf. também *Questões Fundamentais da Filosofia Grega*. São Paulo: Loyola, 2006, p.101ss.

²¹ *Tês autarkeías karpòs mégistos eleutería* (EPICURO. *Sentenças vaticanas*, 77).

²² "Mais se vouer à l'autodidaxie ne signifie pas s'isoler, se retrancher: l'enseignement de soi par soi-même, c'est l'enseignement de la nature au sens objectif et subjectif – l'enseignement par ce qu'il y a de naturel en soi, sans la médiation de la culture..." (BALAUDÉ, Jean-Francois. "Introduction". In: EPICURE. *Lettres, maximes, sentences*. Paris: Librairie générale française, 1994, p.25).

mesmo, no interior dos próprios domínios, e não no outro, na tradição ou na cultura. Ocorre que o eu (o si mesmo) é aquilo que de vários modos se esconde do outro, e que só o eu mesmo tem a capacidade de arregimentar uma percepção amplificada. O outro, quando muito, na medida em que com ele dialogamos ou que externamente observamos o seu agir, é apenas contraposto de nossa autocompreensão ou de nossa autodidaxia filosófica. "Tu que sabes engendrar a ti mesmo de ti mesmo" – foi assim que Eurípedes, em verso, se referiu ao sábio²³. O sábio, pois, em sentido rigoroso, é alguém que se faz por si mesmo, independentemente de outro, do qual, no máximo, pode lhe tomar emprestado um pouco de sabedoria, mas não a sabedoria. E mesmo que um sábio não seja mais sábio que outro, são, todavia, diferentes.

A natureza humana em cada um de nós não se dá de tal modo que possa ser límpida e prontamente reconhecida por um, e, logo em seguida, amplificada e arregimentada como sendo comum a todos. Mesmo que existam características que tornam o humano um ser objetivo, existem peculiaridades que não permitem normatizar um modo humano específico de agir e de ser. Daí porque a sabedoria humana é inesgotável; como disse Heráclito: "Tão longo é o caminho da alma, e tão profundo o logos que ela retém, que jamais encontrarás os seus limites, percorrendo-o"²⁴. Daí também porque a "educação" requer um empenho subjetivo de autoconhecimento da própria natureza (ou realidade particular), a fim de que cada um possa conciliar (reconciliar) a sua própria disposição subjetiva de ser com o (requerido) modo humano objetivo de ser. Daí, enfim, porque o conhecer-se a si mesmo em si mesmo, e não em outro, é o que define em Epicuro a autodidaxia, qualificada por Sexto Empírico como *autophuês*: como o nascer e crescer em e por si mesmo. Eis por que, sob esse ponto de vista, prevalece igualmente em Epicuro a idéia socrática de que a educação (auxiliada por um mestre) tem de partir de si: porque o educar-se não está fundado e toma forma em definições meramente conceituais, e, sim, no desvelar da própria natureza. Trata-se, pois, não de uma *educação* de algum tempo por toda a vida, mas, sim, de uma educação que não tem tempo nem idade, porque se estende por todo o tempo e por toda a vida. Por isso a autodidaxia como regra.

Ao modo de Epicuro, também Heráclito se dizia um autodidata. Ele afirmava, segundo Diógenes Laércio, que "era preciso estudar a si mesmo e tudo aprender por si mesmo"²⁵. "Eu investiguei a mim mesmo" – foi o que ele disse: "*edizêsámêm emeôutón*"²⁶. Todos aqueles que se dispuseram a pensar a si mesmo por si mesmo se disseram autodidata. Assim se

²³ "sè tòn *autophyê*, tòn en *aitheríô*" (Clemente de Alexandria. *Miscelâneas <Strômateis>*. V, 115; Crítias DK 88 B 19).

²⁴ Diógenes Laércio. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, IX, 2 – DK 22 B 45

²⁵ *all' autòn éphê dizêsasthai kai matheîn pánta par' eautou* (Diógenes Laércio. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, IX, 1, 5 – DK 22 A 1).

²⁶ Plutarco. *Contra Colotes*, 20, 1118 C – DK 22 B 101

manifestaram porque sabiam que são duas coisas diferentes: uma fazer ciência a partir da Ciência, da observação das coisas ou do fora de si, e, outra, o conhecer a si mesmo. A ciência se faz, sim, a partir do que está dado, ou seja, da tradição do saber e da observação dos fenômenos, mas esse pressuposto não se aplica rigorosamente ao conhecimento de si por si. Como foi dito, essa empreitada requer sempre um recomeço: que se parta como que do nada, que seja feita por conta própria, e ainda, o que é pior, ou ao menos nada fácil, que se liberte do que foi previamente dado (em geral reconhecido sob a alcunha de *educação*) como saber estabelecido.

A *autodidaxia* requer, primeiro, que aquele que pensa a si mesmo tenha ciência de que, de sua condição íntima, mesmo que precariamente, é o único senhor, e que, portanto, através dela pode de algum modo reger os seus próprios domínios; segundo, requer autonomia interior, que se mantenha pacientemente nos limites e nos domínios de si mesmo. Foram, com efeito, os Cínicos que reverteram esse processo. Diógenes de Sínope (o mentor dessa tendência, e por Platão denominado de o "Sócrates demente"²⁷), costumava filosofar perambulando pelas ruas de sua cidade, com uma lanterna acesa na mão, ao que justificava dizendo que procurava um homem honesto – com o que queria dizer um homem ético, e, por conseqüência, sábio. Esse seu gesto define bem como vieram a se portar os cínicos: antes de se empenharem em conhecer a si mesmos, buscavam pelo menos um homem que tivesse realizado satisfatoriamente essa tarefa. Encontravam bem mais caricatura que conhecimento.

A *autodidaxia* de Epicuro pela qual afirmava que era sem mestre, não foi por certo conseqüência de soberba ou de amor-próprio, mas, sim, em primeiro lugar, do ensino que recebera de seu mestre Nausifanes, para o qual existiam apenas dois instrutores: a Natureza e a experiência (quer a experiência derivada das coisas, em sentido epistêmico, quer a experiência convivial, da relação com as pessoas, em sentido *ético*); em segundo lugar, ao se dizer *sem mestre*, Epicuro salientava acima de tudo o aspecto inovador de sua filosofia, ao fato de dar significações novas a velhos temas, ou ainda, por ter adotado um modo *particular*, todo próprio, de filosofar²⁸. Há ainda um terceiro aspecto, que diz respeito à finalidade suposta por Epicuro em relação à Filosofia enquanto saber prático (que, evidentemente, não dispensaria o saber teórico²⁹). Por esse ponto de vista, ele era *sem mestre* porque a virtude do agir prático, do fazer

²⁷ Diógenes Laércio. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VI, 20. "A alguém que lhe disse: *Todo mundo ri de tí*, ao que respondeu: *Mas eu não rio de mim mesmo*" (Idem, VI, 54). Diógenes também costumava dizer que não tinha pátria, que ele era "um cidadão do mundo".

²⁸ Diógenes Laércio. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. X, 2

²⁹ Gregório de Nissa (335-304 d.C.), um dos primeiros teóricos da doutrina cristã, assimilou bem essa idéia epicurista de que à Filosofia tem como meta a virtude moral. Ele, porém, exclui a ciência, uma vez que, para ele, bastavam os ditames da sabedoria divina. Cf. *La Création de l'Homme*. PG 44, 184B - trad. de J.Laplace et J.Daniélou. Paris: Les Éditions du CERF, 1944. *Traité de la virginité*, XXIII, 2, 408 M, 335 C, 28-32, p.528. A sabedoria, segundo diz, não é nem pura eloqüência, nem pura simplicidade: "A

bem feito ou do agir corretamente (algo que, por certo, aprendera com Platão, no *Mênon*) não é ensinada à maneira de uma *ciência*; tampouco é através de conjeturas e de suposições estritamente teóricas, porquanto também o seja, que devemos procurá-la.

A virtude do bem fazer não se dá de modo natural, não é espontânea, porém, tem algum fundamento na espontaneidade; certas pessoas, por exemplo, têm, naturalmente, bem mais dificuldades que outras em agir segundo este ou aquele *suposto* como correto. A virtude moral do bem fazer também não tem como fundamento tão-só a experiência, ou seja, a arte adquirida ou acumulada no exercício cotidiano do bem viver, mas não a exclui. O bem fazer não se impõe, isto parece bastante evidente, mediante opressão ou violência, no entanto ele é fruto de *determinação* livre, ou seja, requer do sujeito agente algum constrangimento, a começar pela "violência" da opção. O bem fazer também não é, a rigor, solitário, visto que um indivíduo sozinho, isolado, não tem como ser virtuoso. A virtude é *convivial*. Ela requer o exercício das relações e o da liberdade. Ademais, quem se dispõe a ser virtuoso (mesmo convivendo com os desregrados) carece de colocar-se do lado daqueles que, cotidianamente, se empenham em *viver bem*, ou que ali, num certo nível de racionalidade e regra, tentam se estabelecer. Quer dizer: ele tem que se colocar do lado, porque ninguém sabe exatamente o que é o bom, o justo, o verdadeiro, etc. O saber prático, nesse setor, requer algum pacto, um certo tipo de *contrato*, visto que não se pode apenas alimentar tão-só o mútilo do conflito das opiniões, simplesmente porque a pluralidade desregrada gera o caos.

Recebido em: Agosto de 2008

Aprovado em: Outubro de 2008

sabedoria é um meio termo entre a astúcia e a ingenuidade <*Hê sophía deinótêtós te kai akeraiótêtós tò mêson échei*> (*La vie de Moïse*, II, 289, 420 B, 3-4, p.302), de modo que, portanto, o sábio não é alguém nem tão ardiloso e nem tão inocente (*Helenização e Recriação de Sentidos*, p. 354ss.).